

Projeto Mão na Terra: Relato de Caso

PEREIRA, Anna Paula Araújo. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. anna_paula85@hotmail.com
CRUZ, Cristiano Ferreira. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. cristiano_fc@hotmail.com
LINHARES, Laiana Maria Pinto. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. laiana.linhares@hotmail.com
AZEVEDO, Stella Augusto. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. stella_augusto@hotmail.com
ASEVEDO, Ladyanne Pinheiro. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. lpasevedo@gmail.com
SILVA, João José Mendes. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. jjjmendes_3@hotmail.com

Resumo

Buscando a utilização equilibrada dos recursos naturais, o *Projeto Mão na Terra* surgiu com o objetivo de ensinar os princípios agroecológicos através da transição agroecológica na agricultura familiar em São Luís-MA. Foram atendidas famílias da Cidade Operária e Vila Embratel em São Luís-MA, estudantes da APAE-MA e a Escola Agrotécnica da comunidade quilombola de Jamary dos Pretos, em Turiaçu-MA. Foram realizadas palestras sobre agroecologia e produção familiar, consultorias para avaliação das técnicas empregadas e destinação final do produto. Obteve-se como resultado uma mudança das unidades para unidades agroecossistêmicas, a implantação de unidades familiares de produção, com colheitas destinadas ao consumo e a comercialização; ministração de curso prático aos estudantes quilombolas e o ensino de um modelo agroecológico de hortas como terapia ocupacional aos estudantes da APAE-MA. O Projeto teve grande aceitação por trazer uma proposta revolucionária alicerçada na interdependência entre cidadania e meio ambiente.

Palavras-chave: Agricultura familiar, comunidades, agroecologia.

Contexto

Percebendo a necessidade de mudança nos padrões técnico-científico da agricultura devido aos danos ambientais e sociais decorrentes dos modelos clássicos, a comunidade acadêmica em conjunto com outros movimentos populares devem lutar por um novo projeto de sociedade calcada na implantação de políticas públicas que garantam o acesso e a permanência de grupos sociais historicamente desfavorecidos, a inserção da mulher como arrimo de família, buscando formas de utilização dos recursos naturais quem permitam a interação equilibrada, numa relação estreita entre economia e ecologia, direcionando propostas de desenvolvimento que respeitem o meio ambiente e validem o saber popular (MELO, 2002; ENEBIO, 2009).

Levando em consideração tais parâmetros, o *Projeto Mão na Terra* surgiu devido à necessidade da utilização de tecnologias apropriadas e de baixo custo ainda não praticadas por comunidades que adotam procedimentos de produção familiar ainda rudimentares.

Este projeto propôs uma estratégia de desenvolvimento mais endógeno centrado na transição agroecológica aplicada juntamente as famílias que se interessam pela produção de hortaliças, desde aquelas do tipo doméstico até as destinadas ao consumo dos centros urbanos. Assim, a condição básica do *Projeto Mão na Terra* foi adoção de modelos ecologicamente correto onde os produtores participem ativamente da construção dos agroecossistemas através do processo ensino-aprendizagem mútuo.

Descrição da Experiência

O Projeto teve início em setembro de 2008, com a participação de estudantes e um professor da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, onde inicialmente elegeu-se a comunidade do entorno da UEMA, Campus Paulo VI – São Luís para a aplicação do Projeto, onde a primeira ação foi a aplicação de um questionário socioeconômico semi-estruturado com as famílias

interessadas em participar do projeto.

Após isso, foram selecionadas 05 famílias, as quais tinham que seguir as orientações e critérios pré-estabelecidos. Foram ministradas 03 palestras a esse grupo de pessoas, onde o enfoque era a educação ambiental e confecção de canteiros e hortas em materiais recicláveis. Das 05 famílias iniciais apenas 03 prosseguiram no Projeto e tiveram as chamadas “unidades” produzidas em suas casas. Foi então disponibilizado às unidades um pequeno kit contendo sementes, uma apostila sobre hortas e ainda um conjunto de instrumentos para facilitar o manejo.

O Projeto sofreu uma ampliação em novembro de 2008, onde fomos convidados a levar o projeto à comunidade quilombola de Jamarý dos Pretos, no município de Turiaçu-Ma. Cerca de 30 jovens tiveram a oportunidade de participar de um curso teórico-prático de 60 horas sobre hortas e práticas agroecológicas.

Posterior a isso, firmou-se parceria com SEMSA - MA (Secretaria Municipal de Segurança Alimentar) - Setor de hortas onde foi realizado um trabalho de consultoria à horta comunitária da Vila Embratel, onde foram implantadas técnicas de compostagem, aplicando as diretrizes do projeto.

Em seguida, iniciou-se uma série de palestras educativas aos pais e alunos portadores de necessidades especiais na APAE-MA, em fevereiro de 2009, sobre hortas em materiais recicláveis, onde a prática agroecológica foi associada a terapia ocupacional. A parte prática do projeto na APAE-MA deu-se com a construção de canteiros baixos utilizando matéria e insumos orgânicos. O projeto ainda continua nesta Instituição.

Resultados

Cinco famílias residentes na Cidade Operária (área do entorno da Universidade) foram beneficiadas com a implantação das Unidades Familiares, bem como a ministração de palestras educativas. Para o controle biológico de pragas, foram ensinadas técnicas agroecológicas como a utilização do extrato do Nim, soluções de urina de vaca e uso do fumo, resultando numa horta controlada, onde se deu a colheita que se destinou ao consumo e mudança de hábito alimentar dos pequenos produtores.

Com os estudantes da Escola Agrotécnica do Povoado Quilombola de Jamarý dos Pretos – Turiaçu-MA, após o curso, foi confeccionado o modelo de canteiro agroecológico, onde utilizamos material decomposto e esterco bovino. Visto que a permanência na comunidade quilombola foi pequena, ensinou-se como combater possíveis problemas como pragas, predadores e doenças, sem a necessidade de utilização de agroquímicos e defensivos agrícolas. O acompanhamento do trabalho nesta comunidade se dá através dos técnicos agrícolas da Escola Agrotécnica, resultando numa modificação nos ensinamentos passados por esta Escola.

Com os moradores da Vila Embratel houve o sucesso na implantação das hortas orgânicas, as quais têm recebido consultorias semanais para o acompanhamento do trabalho. Como resultados, observamos a mudança na forma de cultivo e transformação do pensamento dos pequenos produtores. A colheita supriu tanto a necessidade para consumo dos pequenos produtores quanto a produção de um excedente o qual foi destinado a comercialização em feiras locais, gerando renda para a comunidade (Figuras 01 e 02).

Na APAE – MA, tivemos como soldo a revitalização de canteiros utilizando as práticas agroecológicas. O cunho do projeto nesta instituição é a terapia ocupacional aos estudantes, culminando num ensino de práticas ecologicamente corretas, as quais têm sido reproduzidas

pelos familiares em suas produções.

Uma das principais dificuldades encontradas pela equipe durante a execução do processo foi o desencontro e a falta de tempo apresentada pelas famílias da Cidade Operária, que mesmo com nossas constantes visitas, mostraram sucessivo desinteresse em continuar participando do projeto com o decorrer do tempo. Porém com os outros participantes, a parceria firmada com a SEMSA – Setor de Hortas supriu as dificuldades de logística e transporte.

Nosso Projeto se constituiu em prática agroecológica quando foi implantada uma alteração na rotina dos pequenos produtores de forma gradual e multilinear, onde os canteiros da Vila Embratel, antes cultivados com auxílio de agroquímicos, após mudança comportamental dos atores sociais desta comunidade não somente da implantação de técnicas de bases ecológicas em seus canteiros, mas de entendimento a respeito do equilíbrio no agroecossistema.

Não podemos desvincular em primeira instância de aspectos tecnológicos no momento da transição agroecológica. A substituição tem ocorrido paulatinamente, onde nas reuniões de capacitação e aprendizado discute-se um enfoque holístico (CAPORAL et al., 2004).

Concluiu-se que a atividade da horticultura possui um enorme poder modificador da realidade, seja como atividade geradora de renda ou ainda como atividade terapêutica. O Projeto teve grande aceitação por parte das pessoas que conseguiram ser alcançadas, porém necessita de uma maior divulgação e incentivo para que tenha uma maior relevância junto a comunidade ludovicense.

A agroecologia como proposta revolucionária deve se alicerçar na cidadania e em bases democráticas, utilizando metodologias de intervenção e com caráter emancipatório e transformador que leve o individuo a refletir e a atuar conforme as reais necessidades do seu meio social.



FIGURA 01. Hortas agroecológicas da Vila embratel, São Luís-MA.



FIGURA 02. Canteiro agroecológico utilizado pelas Unidades Familiares.

Referências

CAPORAL F.R.; COSTABEBER, J.A. *Agroecologia: Alguns Conceitos e Princípios*. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. p.13.

ENEBIO. *A Agroecologia e os Princípios da ENEBIO*. Grupo Temático Permanente de Agroecologia da Entidade Nacional de Estudantes de Biologia. Maceió, 2009.

MELO, L.A. Injustiças de Gênero: o trabalho da mulher na agricultura familiar. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. *Resumos...* Ouro Preto, 2002. p.4.

NODA, A.N. et al. Alternativas para fortalecimento da agricultura familiar nas comunidades do Tarumã-Mirim, MANAUS, AM. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO – SBSP. *Anais...* Manaus, 2006. p. 11.